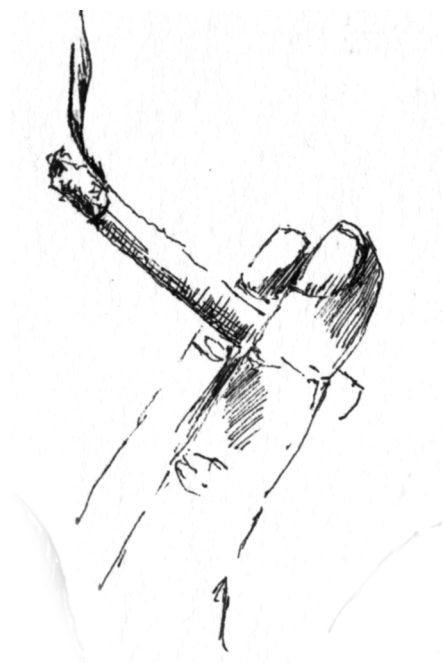


*Nu meu peito*



Fábio M. Silva

# NU MEU PEITO



CÍRCULO *dep* POESIA

---

estratégias criativas

HÁ UM RASTEJAR VIRAL DA SOLIDÃO,  
no ventre da madrugada.  
O silêncio sem destino  
abriga-se sob um olhar gélido,  
com a tempestade a escorrer-lhe  
pelo rosto cerrado,  
dos lábios aos dedos do peito  
que se atiram ao chão  
quando o corpo interno  
se entorna espesso em torno do escombros,  
espasmo de sangue sobre a noite.

Cravei uma vírgula no silêncio (.)  
dos espinhos sonhados,  
a hemorragia interna  
pelos degraus acima,  
onde a frieza das sombras sabe a lápides,  
sabe a partidas e a estrelas pungentes.  
Em sangue e pelos ossos e carne invadidos,  
lambemos as balas,  
lambemos as palavras.

OLHAM COMO SE ME CONHECESSEM,  
como se os olhares não se desvanecessem  
à medida que o vento muda,  
como se não afogasse as luzes  
das photomatons  
que sou (sozinho).  
Eles não sabem mexer as mãos,  
nem as nuvens e as marés,  
(mas) os dedos são tão acesos,  
só não sabem onde se encontram.

Escrever prejudica gravemente  
a minha saúde e a dos que me rodeiam.  
O poema contém  
pensamentos sobrepostos  
e outras substâncias inflamáveis  
e viciantes que toldam mais que pulmões.

Queimo sempre  
mais que a ponta dos dedos.  
Ardo por dentro.  
Combustão interna.  
Querem ver-me morrer,  
quero um sossego anterior à dor,  
mas aqui há somente um fio de luz  
nascido da chama  
e sons soturnos.  
Há estátuas de conversas  
e mesas com duas chávenas,  
mas sem ninguém em volta.

Há sujidade no palco  
e idas sem volta, ideias sem rota,  
ideais que sufocam.  
As mãos só servem para isto,  
para esfiapar as vozes,  
para os impulsos, para os espasmos,  
para uma dança ardente  
das palavras,  
mais nada.

DÁ-ME UM SEGUNDO DE SILÊNCIO  
entre o pó  
soprado ao olhar lírico  
do caminho cáustico.  
A tela das vozes em contra-luz  
derrete-se à sombra  
de um veneno tríptico  
segredado numa redoma lamacenta.

Catapulta o mundo  
de dentro para fora.  
As pegadas das danças  
adaptam-se às pausas  
e a loucura arrasta-se  
a embrulhar o cenário.  
Os reflexos transportam-se  
descalços e ofegantes  
do centro para a intermitência  
dos cantos.  
Ensina o fogo  
e a mão do corpo  
ao corpo distante.

Fica na extremidade, respira.  
A cidade dorme no papel  
com as agulhas em mutação  
e as chuvas embalam-me  
nas ruas ininterruptas  
onde paro a ver-me  
bala disparada perdida

contra o vento.  
O desenho lírico do olhar,  
de novo, surpreso, esconde-se  
de mim,  
bala,  
com um sorriso raiado  
e trémulo.

FOSSEM AS FERIDAS FLORES,  
e eu seria um jardim denso,  
metamórfico,  
em cada primavera.



A VIOLÊNCIA DE ESTAR SÓ SERVE-SE EM ÁLCOOL,  
como se a ausência vivesse no fígado  
ou na dormência-carrossel da consciência.  
Consumo e consumo-me  
como se amanhã vomitasse os olhares quentes.  
As palavras caem-me crônicas e frias  
como a água do chuveiro sobre os precipícios  
esgotados do pensamento. A mão segura o  
corpo  
contra a parede como se segurasse outra  
dimensão humana.  
Choveram as estrelas neste pequeno quarto  
e eu juntei-me às cinzas. O inferno é no andar  
de cima.  
O paraíso é deserto. Achei que fosse junto ao  
mar  
e às flores até naufragar na noite,  
lavar a cinza e ficar escuro de mais para ver  
as flores murchar. É árduo ter o mundo à  
garganta  
e morrer calado com a pele rasa aos sismos.  
O que escrevo é além  
do que as minhas costelas tentam encarcerar.  
Confesso. Tenho pouca paciência  
para coisas sem alma. Se quiseres, desce  
até me encontrares. Terei todo o prazer  
em servir-te um café, uma boa música, um  
vinho,

ouvir-te e ler-te até perdermos o norte racional  
e descobriremos novos caminhos.  
Parece perigoso. Parece-te apetecível.  
Se encontrares alguém mais real e menos frágil,  
é ilusão.

HÁ NO FIM DO VERSO  
um sismo sepulcral tácito  
eterno  
na verdade inteira  
interna  
e o âmago amargo  
entorna-se  
em torno do mundo  
e torna-se pedra  
e torna-se perda  
e toma-se terna  
a ideia de ter na morte  
o que nunca tivemos na vida.

## ÍNDICE

Há um rastejar viral da solidão	9
Olham como se me conhecessem	10
Dá-me um segundo de silêncio	12
Arrancada	14
As molduras caíram	15
Arrasta-me quando as luzes terminarem	16
A sujidade perfurada dispersa-se	17
Entre o mosaico caótico do arrependimento	18
Habitavam no mistério	19
Vem da verticalidade da noite	20
A chuva	21
À janela absorvo	23
Gosto de me sentar	24
Há silêncios e cegueiras	25
Viajaram milhares de céus	26
É inquietante respirar	27
Nas tuas vértebras líquidas	28
Somo esta madrugada	29
A morte estremece-nos	30
A melancolia dita	32
Entre ingénuos epitáfios	33
O determinar o não terminar	34
Ainda me arrepias	35

Não há saldos na roupa interior	36
Quis saltar da ponte	37
Quero loucamente	38
Deixa cair e escorrer	39
Ao nevoeiro do murmúrio	40
A cegueira	41
As tuas vozes dançam nuas	42
Quero escrever	43
Desmaia tardia a saudade	44
Darei nós à voz	45
Ando de boca em boca	46
Entende porque fujo por entre as ruas	47
Quis atirar-me ao silêncio	48
Não sei como abraçar os teus olhos	49
A tua voz	50
Enquanto o fumo	51
Encerro-me na luz efémera	52
Vou escrever mais meia hora	53
A minha voz parte incógnita	55
Como se fossem só corpos	56
Entre os jardins do teu olhar	57
Será das raízes do sangue	58
Fossem as feridas flores	59

A pele estremece	60
Nasce um tiro	62
Vieste como um dilúvio	63
Tenho sido mais	64
Agita-se pungente de olhar cristalizado	65
A violência de estar só serve-se em álcool	66
Uma única folha resiste	68
Íntima, a magnólia	69
Bebo o café da manhã	70
Escreve fora das luzes, fora da gente	71
Há no fim do verso	72